

Pedagogingas: educação popular e arte-resistência com mulheres angoleiras na Amazônia paraense

Pedagogy: popular education and resistance art of Angolan women in the Pará Amazon

Alessandra Ferreiras Marinho
Gilcilene Dias da Costa
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Belém-Brasil

Resumo

Este trabalho visa cartografar as *pedagogingas*, arte educativa praticada com mulheres capoeiristas do coletivo “Angoleiras Cabanas” na Amazônia paraense. Essa manifestação afro-diaspórica configura-se como arte-resistência e processos de educação popular, porém, em sua trajetória, a capoeira foi decalcada por um viés patriarcal que invisibilizou e objetificou as mulheres, o que move as inquietações: o que pode um corpo-devir-mulher-capoeira na educação? Quais as potências políticas, culturais e epistemológicas da pedagogingas para a educação popular? A pesquisa se tece pela Cartografia dos encontros com Deleuze e Guattari (1995), aliançada aos feminismos plurais e à educação popular subversiva de bell hooks (1994). Em gingas, as mulheres angoleiras experimentam desatar os nós do patriarcado por suas poéticas do canto e corpos insurgentes, em devires das pedagogingas na educação popular.

Palavras-chaves: Pedagogingas; educação popular; mulheres angoleiras.

Abstract

This research aims to map pedagogy, an educational art practiced with capoeira female players from the “Angoleiras Cabanas” collective in the Amazon of Pará. This Afro-diaspora manifestation is configured like resistance art and processes of popular education, however, in its trajectory, the capoeira was modeled on a patriarchal that made women invisible and objectified, which raises issues: what can a body- woman-capoeira do in education? What are the political, cultural and epistemological powers of pedagogingas for popular education? The research is interlaced with the Cartography of meetings with Deleuze and Guattari (1995), interlaced with plural feminism and the subversive popular education of bell hooks (1994). In gingas, Angolan women try to untie the knots of patriarchy through their singing poetics and insurgent bodies, in the becoming of pedagogy in popular education.

Keywords: Pedagogy; popular education; Angolan women.

Gingas Iniciais

Nas gingas desse texto jogamos a capoeira angola como uma manifestação cultural afro-diaspórica marcada pela resistência e (re)existência do povo negro; uma arte corporal que expressa uma diversidade de saberes ancestrais revelados por meio das artes do cantar, tocar e jogar, em rodas de coletividades; uma arte-resistência criativa e subversiva que perpassa as lutas seculares da cultura negra por emancipação contra as opressões do sistema colonialista/capitalista, firmando seu caráter pedagógico e político.

É importante frisar que, ao longo dessa trajetória, o processo formativo e as lutas políticas das populações negras têm sido cruciais ao caminhar ao encontro de uma educação e uma sociedade antirracista, pois, como expressa bell hooks (2017, p. 26) ao lembrar Paulo Freire, “a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se fosse uma plantação em que todos temos que trabalhar”.

Nesse sentido, demarcamos esse “todos” enquanto essa junção coletiva, esse “nós” coletivo de populações marginalizadas que constroem os caminhos da educação popular e se defrontam com os “nós” dos obstáculos e preconceitos a serem desatados cotidianamente, especialmente as mulheres que se colocam nas rodas da capoeira, essa manifestação cultural de origem negra que, embora advenha de uma tradição subversiva ao colonialismo, também se forjou como parte de uma cultura que internalizou o sistema colonial/patriarcal excluindo mulheres e corpos dissidentes que não estejam no padrão masculino hierárquico.

Freire já alertava que mesmo os movimentos de cultura popular advindos do povo estavam imbricados pela colonialidade: “A estrutura de seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se “formam”. O seu ideal é realmente ser homens [...]” (Freire, 2019, p. 44-45). Nesse movimento, as mulheres angoleiras¹ em agenciamentos coletivos vêm provocando fissuras num sistema hierárquico de lideranças: treineis, contramestres e mestres, que apenas legitimavam homens dentro do que estava calcado como tradição, assim, as linhas de força que marcam a potência do feminino na capoeira foram silenciadas e negadas.

Ao mergulharmos em registros históricos, vemos que as mulheres são apontadas como capoeiristas, mas com constantes tentativas de subalternização e de inferiorização das suas imagens pela ótica masculina: prostitutas, ciumentas, amadoras entre outros estigmas, ao passo que ao homem são resguardados lugares de poder, como motor e mentor da ação

feminina. Contudo, neste trabalho, apostamos na potência subversiva da mulher capoeirista que, entre tramas e linhas de fuga, cria estratégias políticas para afirmar a sua arte e conquistar espaços de visibilidade na capoeira angola, forjando, assim, uma arte-resistência aliançada aos elementos do feminino: a *cabaça* – símbolo da sementeira, dos fluxos de vida, – e a *ginga* – símbolo da resistência feminina.

Em processos de enfrentamentos e negociação, mulheres coletivizam-se, deslocam eixos em busca do equilíbrio presentificado pelo próprio movimento da *ginga*, traçando outras linhas, outros agenciamentos coletivos com poéticas que salientam seus protagonismos pautados não no educar para o outro e sim com o outro em devires: musicar, cantar, tocar, gingar, liderar, educar em diálogo com as *pedagogingas*, essa arte-resistência pedagógica de ascendência africana entrelaçada à epistemologia da *ginga* e a movimentos de educação popular que gingham ao toque do berimbau, em movimentos de criação e insurreição de uma arte-resistência feminina/feminista, capaz de tensionar as raízes da tradição patriarcal masculinizante que historicamente segregou a participação de mulheres e de outras sexualidades dissidentes das rodas de capoeira.

A *pedagoginga*, essa pedagogia outra, alinhada aos saberes afro-diaspóricos e partindo da manifestação cultural da capoeira angola, não se configura como um decalque, mas como um movimento de criação de educares que joga com as corporeidades e as multiplicidades das mulheres praticantes de capoeira angola (mulheres angoleiras) e outros corpos dissidentes. É movida pela *ginga* e seus agenciamentos históricos, políticos, filosóficos, educativos atravessados por uma epistemologia feminista que rompe com o padrão moderno/colonial/patriarcal imposto à manifestação cultural da capoeira angola.

A *pedagoginga*, diferentemente das propostas de educação formal, move-se por outras racionalidades e territorialidades da educação e da cultura popular, escapa dos contornos formais do currículo escolar, não se resume a um esquema ou didática, apresenta processos educativos baseados na observação, na escuta, na criatividade, na autonomia, na interação, nos acontecimentos, na coletividade, nos elementos artísticos presentes no jogo da *ginga*, na musicalidade, na roda, na relação de aprender com o outro, no abrir fluxos de vida. Assim, a *pedagoginga* é essa tessitura artística, pedagógica, cultural que se faz nos movimentos da *ginga* e da vida, que desterritorializa a própria capoeira como campo da tradição masculina, e se põe a experimentar as *gingas* de outros corpos; uma arte-resistência

Pedagogingas: educação popular e arte-resistência com mulheres angoleiras na Amazônia paraense.

insurgente, feita de devires e coletividades, com suas linhas de fuga a tracejar processos de disputas e agenciar movências e negociações feministas, em processos de reterritorialização.

Nas pedagogingas dessa arte-resistência feminina/feminista das “Angoleiras Cabanas” (coletivo de mulheres criado nos movimentos da cultura popular de periferias de Belém que possibilitam vivenciar os processos de educação popular da capoeira angola), buscamos cartografar as potências do devir-mulher, do devir-gingar do corpo movente dessa manifestação cultural, em processos múltiplos de educar, permeados de atravessamentos e encontros nesse devir-educar que se aliança à ginga, enquanto esse campo do saber pertencente à ancestralidade africana e à multiplicidade dos corpos em potências artísticas e políticas. A ginga rompe, assim, com esse padrão colonial/hetero/patriarcal, tanto no aspecto estético quanto no político, desterritorializando corpos em uma sociedade pautada pelo viés binário que separa masculino/feminino, mente/corpo.

Nesse mergulhar no percurso dos acontecimentos da arte-resistência da Capoeira Angola, este estudo desafia-se a cartografar as intensidades da pesquisa, os encontros, os devires, as reverberações do coletivo de mulheres praticantes de capoeira angola, “Angoleiras Cabanas”, “voltado para uma experimentação ancorada no real” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 30). Nesses circuitos reverberam as seguintes inquietações: O que pode um corpo-devir-mulher-capoeira na educação? Quais as potências políticas, culturais e epistemológicas do conceito de *pedagogingas* para a educação popular?

Nessas inquietações que ecoam, a pesquisa vai tecendo seus traçados metodológicos pela Cartografia dos encontros, baseada na filosofia da diferença de Deleuze e Guattari, em que um encontro se faz por afecção ou ação de afetar e ser afetado, e “é a mesma coisa que um devir ou núpcias [...] não é um termo que se torna outro, mas cada um encontra o outro, um único devir que não é comum a dois” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 6). Assim, a Cartografia dos encontros aliança-se às epistemologias feministas a partir da arte-resistência, dialoga com os feminismos plurais (Collins, 2017) que nos convidam a criar vias de pensamentos moventes nas lutas das mulheres negras, latinas, indígenas e a desestabilizar as relações de poder masculinizantes, segue as gingas do feminismo angoleiro (Araújo, 2017) enquanto uma epistemologia feminista, e conflui com a educação popular subversiva (hooks, 2017), percorrendo o campo da educação enquanto um caminho transgressor e pela via das potências dos encontros feministas.

Cartografias dos Encontros das Angoleiras

A Cartografia (Deleuze e Guattari, 1995) configura-se em um movimento ou atitude do pesquisar que exige ao cartógrafo imergir no tempo dos acontecimentos, dos encontros, de potências criadoras, não se pretendendo delimitar o acontecimento antes do acontecer, mas no acompanhar dos processos. A cartografia enquanto método não se limita à representação ou decalque do objeto, mas se faz por linhas que vão sendo traçadas no processo, por vezes mais lineares, outras em curvas, mas sempre se redesenhando, como corpos que são movidos a gingar no campo do desconhecido. Uma cartografia rizomática ou dos encontros com mulheres angoleiras é uma pesquisa-intervenção produzida a várias mãos, construída por um coletivo de mulheres que gingam suas artes e suas lutas, é uma pesquisa vivencial que se movimenta nos espaços da cultura e educação popular, que se abre a questões insurgentes no decorrer dos acontecimentos, mas não sem orientação na feitura desse processo.

A Cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa (Barros; Kastrup, 2009, p. 17)

Desse modo, o acompanhar cartográfico dos encontros desta pesquisa-intervenção segue as movimentações das pedagogias do coletivo “Angoleiras Cabanas” em suas artes-resistências e educação popular nas periferias de Belém, na Amazônia paraense, percorre os corpos moventes em tessituras com os saberes do corpo feminino materializado pela *cabaça*, planta rasteira, que se ramifica, fruto que dá semente, e a *ginga* como devir, desde seus agenciamentos históricos até as experiências ancoradas no real. O berimbau que rege a roda tem como caixa acústica a cabaça, que na cosmopercepção africana é o elemento de criação do próprio universo e criação da vida. Sena (2015), ao aliançar-se ao pesquisador angolano Kandimba (2011) que estudou os arcos musicais na cultura Bantu, coaduna que “o berimbau seria uma espécie de herança de poder do feminino” (Sena, 2015, p. 75). Não obstante, nos territórios da nossa tradição cultural, o berimbau, arco que rege a roda, desde a feitura até o toque ficava restrito majoritariamente aos homens. Desse modo, por meio desta pesquisa-intervenção, a recomposição dos corpos de mulheres e outras dissidências na cena cultural da roda de capoeira inaugura movimentos de transgressão, de desterritorialização e reverberações ancestrais.

Pedagogingas: educação popular e arte-resistência com mulheres angoleiras na Amazônia paraense.

Reverberações ancestrais e transgressões de gênero colocam em movimento as artes-resistências de mulheres angoleiras nos circuitos de um devir-educar, a partir de seus agenciamentos culturais, políticos, filosóficos, educativos, e ainda como uma epistemologia outra, a pedagoginga, que movimenta os saberes das mulheres praticantes da manifestação ancestral da capoeira angola em promover o seu entendimento sobre o universo da capoeira angola, para “além de um jogo corporal, como um jogo político em que estão colocados aspectos da resistência cultural” (Araújo, 2017, p. 1). Saberes culturais movem nossos gingados cotidianos em outras linhas de pensamento, aliançados aos saberes tradicionais de mulheres racializadas que não se curvam ao padrão branco-eurocêntrico e nem às convencionalidades do patriarcado. Por estas linhas movimentamos uma cartografia dos encontros com o pensamento feminista a partir das diferenças de mulheres angoleiras amazônidas que estão à margem, que traçam suas linhas de fuga perante o “ser mulher” que se pretendia universalista, construindo uma educação popular múltipla através de suas vivências e confrontos à colonialidade e ao patriarcado ainda impetrados em nossos meios sociais e em nossas lutas.

Assim, a cartografia dos encontros ginga na capoeira e no mundo, num movimento de vai, mas não vai. Move as potências múltiplas de corpos plurais que gingham em criação teatral, abrindo caminhos para outros devires: devir-mulher, devir-criança, devir-animal, devir-gingar, devir-cantar, como um “mapa performance” aberto à experimentação, pois, tomando por empréstimo o pensamento de hooks (2017, p. 21), “ensinar é um ato teatral”. Num ato contínuo movemos a multiplicidade da palavra ginga e seus agenciamentos históricos (Fonseca, 2012) e filosóficos (Deleuze, 1992) e como esses traçam as potências políticas e epistemológicas para pensarmos a arte criadora do conceito de *pedagogingas* na educação, pois, “pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, a nascente, o novo, o que está em vias de se fazer” (Deleuze, 1992, p. 132). Desse modo, movemo-nos na construção de uma educação popular antirracista e antipatriarcal, interligada aos feminismos plurais das mulheres angoleiras na Amazônia paraense.

Gingando com os encontros, com os movimentos, a arte-resistência de mulheres angoleiras aliançam-se a uma epistemologia feminista, tendo a ginga como “uma metalinguagem do feminismo angoleiro ao buscar aspectos mitológicos, simbólicos e

analíticos da estrutura organizacional da capoeiragem (...) que desmonta os elementos de subalternidades atrelados ao gênero” (Araújo, 2017, p. 8). Inspirada no poder de negociação da Rainha africana Nzinga Mbandi, a ginga é o movimento primordial da Capoeira Angola, é a primeira expressão corporal do encontro das mulheres com essa manifestação. Nzinga Mbandi, grande liderança de Angola, a qual segundo Fonseca (2012) estrategicamente aceitou mudar seu nome e negociar com o governo português, utilizou-se tanto da diplomacia quanto de armas para lutar. “Esconder-se, camuflar-se, é uma função guerreira; e a linha de fuga atrai o inimigo, atravessa algo e faz fugir o que a atravessa; é no infinito de uma linha de fuga que surge o guerreiro (Deleuze; Guattari, 1997, p. 61).

Pensar a partir desse feminino na capoeira é desterritorializar o lugar antes calcado como masculino e gingar com os devires, inscritos na singularidade dos corpos de mulheres, de corpos dissidentes e nas lutas coletivas que as atravessam. Uma educação popular que se costura na companhia coletiva, nos diálogos, nas perguntas e nas respostas, nas esquivas e nos ataques, no brincar, no transgredir. É o tempo do cultivo, no qual se inscreve o tempo dos acontecimentos dos encontros, dos eventos. E assim como na cartografia dos encontros, instigamos a capoeira angola a mover-se pelo imprevisível, pelas expressões estéticas, ritmos e cantos, na ética da mandinga, nos seus aspectos políticos, de resistência e de negociação na dimensão coletiva e em alianças com outros coletivos, com outras mulheres que entram em devir-gingar.

Corpos na potência dos acontecimentos recorrem a outros corpos vistos, mas não enxergados, porém “quanto mais se tenta represar um rio, com maior força ele explode na busca do seu caminho” (Fialho, 2021, p. 20), como Jerônima Cafuza, primeira mulher a ser adjetivada como capoeira nos inquéritos policiais em Belém do Pará, ainda no final do século XIX (Oliveira; Leal, 2009), entre tantas outras apontadas como violentas, as quais transgrediram em suas movências os padrões de comportamento e feminilidade europeu exigidos ainda hoje. Um devir-mulher percorre “um movimento molecular, que abarca todo um campo social, pelo qual se pode destituir a acepção convencionalista dos corpos e uma política patriarcal que determina um ser homem e um ser mulher” (Costa; Igreja, 2021). Como “mulheres incorrigíveis” (Fialho, 2021) presentificaram-se na história contra apagamentos e invisibilidades, memórias do passado não como decalques, mas como fonte de fortalecimento, lutas, resistências.

Pedagogingas: educação popular e arte-resistência com mulheres angoleiras na Amazônia paraense.

Nesses percursos cartográficos, a pesquisa tateia nos movimentos de educação popular do coletivo de mulheres angoleiras “Angoleiras Cabanas” em Belém do Pará, as quais entre linhas e gingas, como um “rizoma” (Deleuze; Guattari, 1995) que não se conecta somente ao corpo, mas com o mundo, com a política, com a natureza, traçam a arte-resistência de mulheres, mas também modos outros de traçar as epistemologias feministas no campo da cultura popular, a partir das diferenças de mulheres amazônidas que estão à margem, que traçaram suas linhas de fuga, demarcando uma dupla transgressão: trilhar o caminho da capoeira ainda visto como marginalizado, e dissolver com a orientação masculinizante dessa prática que anseia ser libertária, desatando nós na capoeira angola.

Pedagogingas: Feminismos Plurais e Educação Popular em “Nós”

Em devir-gingar, o coletivo de capoeira angola “Angoleiras Cabanas” nasceu em 2018, após o assassinato da vereadora Marielle Franco no Rio de Janeiro, movidas pela dor, mas também pelos encontros e pela partilha de sentires e saberes ancestrais entre mulheres praticantes de capoeira angola em Belém do Pará. Entre linhas de fuga, o coletivo vivencia e difunde a arte-resistência da capoeira angola com o intuito de acolher e encorajar mulheres a superar as dificuldades encontradas nesse universo, o qual ainda é referenciado como um meio masculinizado.

Assim sendo, na presente pesquisa-intervenção agenciamos o conceito de *pedagogingas* como um modo coletivo de pensar e movimentar as potências e as artes-resistências dos corpos de mulheres e outras dissidências na capoeira angola enquanto processos libertários de educação popular, em que por via da arte-resistência e da cultura afro-diaspórica questiona as opressões de raça, gênero e classe e afirma as multiplicidades de corpos na capoeira angola, em aliança com o “nós” da diversidade, como aponta Collins:

Levar em conta a diversidade na nossa construção do conhecimento, no nosso ensino e no nosso dia a dia nos oferece um novo ângulo de visão nas interpretações de realidades pensadas como naturais, normais e “verdadeiras”. Além disso, ver as imagens de masculinidades e feminilidades como simbolismo universal de gênero, ao invés de vê-las como imagens simbólicas que são específicas de raça, classe e gênero, faz com que as experiências de pessoas negras e de mulheres e homens brancos não privilegiadas sejam invisíveis (Collins, 2015, p.26).

Corroborando a quebra de universalismos, o coletivo promove encontros periódicos para treinos e rodas de conversas, até a promoção de eventos, no meio urbano e rural, destinado especialmente às mulheres, que travam a luta contra o racismo, contra o

machismo, entre outros temas, como o fortalecimento de lutas pelo cuidado com a vida e pela soberania alimentar dos povos, de afetos como devires. Sementes que se enxertam entre oportunidades de criação de vínculos e de trocas que favoreceram e favorecem o fortalecimento em treinos e rodas, de modo a contribuir com a permanência de mulheres, em sua mais ampla diversidade, nos espaços da capoeiragem e fora dele. E, ainda, perspectivando a capoeira angola enquanto um devir-criança de corpos moventes que a sociedade capitalista patriarcal marginaliza, o coletivo busca essa retroalimentação com as crianças desde suas inserções nas vivências, como em momentos pensados especificamente para elas, até a produção da cartilha “O ABC da Angola”.



Fonte: Angoleiras Cabanas.

Assim, buscamos construir uma educação popular subversiva, tal qual colocada por hooks (2017, p. 20) “minhas práticas pedagógicas nasceram da interação entre as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista”. Na composição com outros corpos, o coletivo de mulheres angoleiras também volta suas ações para além de mulheres e crianças, agenciando-se em outras lutas coletivas como, acampamentos do MST, comunidades quilombolas. Percebe-se, assim, as vibrações de cada espaço no encontro das crianças com as mulheres, no encontro imprevisível, do diferente, no corpo como um elemento vivo na educação, devires, [...] “como átomos de feminilidade capazes de percorrer e de impregnar todo um campo social” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 60).

Pedagogingas: educação popular e arte-resistência com mulheres angoleiras na Amazônia paraense.

A intervenção coletiva por meio da junção de mulheres tem se tornado uma forte arma no campo da capoeira angola, reverberando problematizações e enfrentamentos. Esse “nós” coletivo desestabiliza um terreno que antes era majoritariamente e hierarquicamente protagonizado por homens. O agenciamento de mulheres nos últimos 30 anos (Araújo, 2017) tem proporcionado a construção de outras narrativas, micropolíticas (Deleuze; Guattari, 1996) que colocam as mulheres como criadoras de suas caminhadas, proporcionando com que corpos se redesenhem, como ato de resistência, de disfarce, tecendo caminhos, transformando experiências ancestrais.

Assim, os instantes cartográficos da pesquisa emanam em meio aos encontros das Angoleiras Cabanas a partir de suas vivências que perpassam desde os aprendizados iniciais com a corporeidade e a musicalidade, os saberes que envolvem a manifestação da capoeira angola: oralidade, ancestralidade, circularidade, comunidade, até as “papoeiras”, que são conversações entre gingas de perguntas e respostas sobre as estratégias políticas e educativas por meio dessa prática dialógica. Além disso, vivenciamos encontros formativos com mestras e outras lideranças convidadas, a exemplo dos eventos “Plantando Angola”, “ABC da Capoeira Angola”, “Eu quero ver Idalina” e “Quem vem lá são elas”.

Na vivência imersiva voltada para a confecção de berimbau “ABC da Capoeira Angola” em outubro de 2022, as mulheres proferiram o que acontece no encontro das angoleiras cabanas com a capoeira angola, ecoaram palavras, juntamente com emoções, lágrimas, sorrisos, afetos: resistência, ancestralidade, ginga, amor, vida, luta, união, comunidade, irmandade. O singular imbuído no coletivo, dança, balanço, sorriso, dureza e compromisso. Ao final todas saíram com seu berimbau e ecoaram seus sentires.

Figura 2. confecção do berimbau



Fonte: arquivo Coletivo Angoleiras Cabanas (2022)

Figura 3. cabaça aberta e lixada



Fonte: arquivo Coletivo Angoleiras Cabanas (2022)

Engendrando movências coletivas no por vir das pedagogingas, tomamos por empréstimo o aprender com Deleuze (2006, p. 159): “Aprender é penetrar no universal das relações que constituem a ideia e nas singularidades que lhes correspondem”. A pedagoginga na relação com a pequena e a grande rodaⁱⁱ foge a possibilidade única, a castração, enxerga infinitas saídas para uma mesma pergunta, desenhando-se o imprevisível. Nos fluxos da mata, em continuidades, devir -musicar, com a oficina de instrumentos e cantos, cada mulher ressoou o canto que lhe afetava, na multiplicidade de sentidos, cantaram e jogaram ao mesmo tempo, numa infinidade de possibilidade que dispõe a capoeira angola, em processos de educação popular que se ramifica no aprendizado com outros corpos, com a voz, com o canto e com os elementos da natureza.

Em agenciamentos políticos coletivos na composição com outros corpos, o coletivo de mulheres angoleiras busca compartilhar saberes com outras organizações, sobretudo para crianças, agenciando-se em outras lutas coletivas, assim, chegamos ao território do “Quilombo do América” (Bragança-PA) para trocarmos saberes e alimentos com as crianças e as lideranças daquela comunidade em uma grande culminância. No caminhar do processo as crianças já tinham uma experiência com a capoeira regional e tanto somaram como se despojaram ao aprendizado da capoeira angola em movimentos de devir-gingar, devir-brincar, metamorfosear animais e linhas plurais envolveram a todos presentes. Na prática da observação como cada uma pode desenvolver a capoeira com crianças, alinhamos o que o próprio coletivo se propõe, que é a partilha de saberes para as próximas gerações, gerando fluxos de vida. Entre linhas intensas, sentidos foram circulando com energias corporais nas tramas da realidade da potência tecida pela arte-resistência da capoeira angola, agenciando linhas de afetos, memórias e emoções. Movimentos de tatear, o olhar nos olhos, em vários

Pedagogingas: educação popular e arte-resistência com mulheres angoleiras na Amazônia paraense.

ângulos, tudo o que nos afeta abrindo-se a receptividade da experiência, nas movências, dos jogos, das múltiplas vozes.

Figura 4. oficina de Capoeira Angola no quilombo do América



Fonte: arquivo Coletivo Angoleiras Cabanas (2022)

E assim a pesquisa vai se cartografando na relação com os corpos, os sentidos, no deixar-se afetar, nos encontros, nas transgressões, nos atrevimentos, nas quebras das hegemonias da tradição, nos atravessamentos, nas experiências possíveis, nas multiplicidades dos corpos dissidentes, “corpos dissidentes encapoeirados” (Sena, 2015), e nos movimentos que deles desencadeiam, rompendo binaridades e expandindo o coletivo de mulheres para *corpos dissidentes*, pessoas não binárias que são excluídas dos espaços sociais e que muitas vezes não são enxergadas com humanidade, mas que encontram nas vivências do coletivo da capoeira angola caminhos para a sua existência, suas artes, suas narrativas de lutas, nesse “espaço seguro” e acolhedor.

“Espaço seguro” é uma fala reverberante no coletivo a cada vivência, o que nos levou a expandir os encontros não só para mulheres cis e trans, mas também para pessoas não binárias, que ao não se sentirem acolhidas em outros espaços buscaram o nosso coletivo. Ao tensionar a realidade dualista da sala de aula pautada na dicotomização impetrada pelo ocidente, bell hooks expressa: “Treinadas no contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental, muitas de nós aceitamos a noção de que há uma separação entre o corpo e a mente” (hooks, 2000, p. 1). Aliás, sobre tal separação não há uma leitura de quem está se inserindo naquele espaço com suas subjetividades, no caso da sala de aula dualista a autora relata que os homens são destacados com suas mentes, ao passo que as mulheres são vistas

de modo limitado com seus corpos, no caso da capoeira apenas como capoeiras, numa perspectiva global, sem analisar as interseccionalidades de gênero, raça, classe e sexualidade.

Sobre a problemática do gênero no universo da capoeira, há ainda um número pouco expressivo de ações e pesquisas voltadas à formação de mulheres na capoeira angola, nos papéis de lideranças, de treinelas, contramestras e mestras, “denotando a permanente crença na sua fragilidade e, conseqüentemente, na (de)limitação dos espaços a que estas estão autorizadas a atingir e transitar” (Araújo, 2017, p. 6). Na reescrita desse processo, os coletivos são “máquinas de guerra” (Deleuze; Guattari, 1995), máquinas de engrenagem em que as angoleiras sentem o chamado agenciando-se com outras poéticas, com outros processos em devir, ensinar e aprender em perspectivas outras do toque, do canto, da ginga, das lutas, das artes-resistências.

Nesse processo, além de compartilharmos vivências de movimentação e de musicalidade, bases de saber ancestral da capoeira angola, também dividimos as inquietações perante o paradoxo que há entre essa ser uma manifestação de resistência à sociedade moderno/colonial e a grande propagação do poder patriarcal externalizada em ações machistas, que inclusive tornam nossos grupos de origem muitas vezes ambientes hostis. Razão pela qual algumas mulheres do coletivo não conseguem permanecer em nenhum grupo, o que elas chamaram no acontecer das rodas de conversa durante a vivência “ABC da Capoeira Angola” de “estratégias falidas”, que consistiam sempre em se afastar dos grupos mistos por não sentirem pertencimento àquele ambiente. Assim, mesmo mediante as situações de exclusão, outras linhas de fuga são traçadas e estratégias de permanência vão surgindo, afetamos e somos afetadas, pois a capoeira tem como base epistemológica a ginga aliançada “a destreza e perspicácia de uma mulher estrategista, que usou do seu poder de negociação e inteligência corporal, intelectual e habilidade política, para comandar o seu povo e vencer reincididas vezes os adversários” (Sena, 2015, p. 72-73).

Movidas pela potência dos encontros, as múltiplas formas de ensinar e aprender com mulheres angoleiras tecem tramas com as pedagógicas, processos de educação popular enredados na filosofia africana e nos elementos ritualísticos da capoeira angola, como instrumento de lutas contra as opressões. Assim, no luto que se tornou luta, na flor que virou semente, o coletivo Angoleiras Cabanas presentificou sua participação no II Encontro de Educação Popular Feminista, ocorrido nos dias 13 e 14 de março de 2024. Dois dias de muitas trocas entre mulheres e seus saberes, levando a capoeira como essa manifestação do ressoar

Pedagogingas: educação popular e arte-resistência com mulheres angoleiras na Amazônia paraense.

de múltiplas vozes, do toque dos instrumentos, da cabaça enquanto útero do mundo, da ginga que serpenteia nossos corpos. Pedagogingas performadas por mulheres amazônidas, com seus corpos-rios que trazem nesse 14 de março, data em que a grande lutadora Marielle Franco surge como semente, a força motriz do surgimento do nosso coletivo e de tantas outras lutas movidas por mulheres e suas multiplicidades.

Assim, demarcamos a resistência de nossas corporeidades na capoeira angola como tecnologia ancestral e social que ela traz incluindo *todes*. Mestre Pastinha já dizia: “Ninguém luta do meu jeito, mas no deles há toda a sabedoria que aprendi. Cada um é cada um”. Os processos são múltiplos, diversos, permeados de atravessamentos e encontros nesse devir-aprender-ensinar que se avizinha com a ginga enquanto uma pedagogia e uma epistemologia feminista. A pedagoginga traça um movimento de fissura em uma sociedade que petrifica a ginga e subalterniza a sua movência, e somente a aceita dentro dos padrões de sexualização do corpo feminino.

A ginga enquanto campo do saber ultrapassa o movimento corporal e configura o constante processo de negociação a que as mulheres em coletivos são submetidas, pois, a capoeira, por seguir um sistema de linhagem e escola, por meio de suas lideranças masculinas questiona as ações coletivas das mulheres encapoeiradas, mas não problematiza o porquê de essas mesmas mulheres não se verem acolhidas nos grupos formais de capoeira como um espaço potencializador de seus corpos. Assim, nos devires e saberes/fazeres outros de mulheres em agenciamentos coletivos de capoeira angola costuram-se as pedagogingas como processos de educação popular para além dos atravessamentos do sistema colonial/patriarcal. Processos educativos moventes que gingham corpos múltiplos e dissidentes, em saberes em construção, em movimentos, exercendo “uma pedagogia que ousa subverter a cisão entre corpo e mente e nos permite a estar presente por inteiro” (hooks, 2013, p. 256).

Em movimentos de fissuras, a pedagoginga, como um projeto de educação popular subversivo, antipatriarcal, move-se por outras racionalidades, por linhas de fuga e de criação femininas/feministas, pois se faz urgente que as mulheres falem, cantem, contem suas próprias histórias, há muito recobertas pelo cânone patriarcal. Em tessituras, essa ginga coletiva escapa aos contornos dualistas do mundo, e se insere no território afro-diaspórico por meio de suas ancestralidades femininas, com criatividade, coletividade, musicalidade,

gingando na roda os saberes e as artes-resistências do aprender com o outro. Deleuze (2006) nos mostra como funciona sabedorias mútuas, trocas, esse jogo do aprender com o outro: “Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem ‘faça comigo’ e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo” (Deleuze, 2006, 48). Com isso, as mulheres angoleiras convidam a devir-gingar nas tramas da educação popular.

Musicalidade de Mulheres Angoleira: Desatando os Nós

Compreendendo a capoeira angola como esse espaço de educação popular, do diferente, do encontro com as potências que agem sobre as palavras e sobre os gestos, provocando movimentos reais, o coletivo “Angoleiras Cabanas” move vivências coletivas no intuito de fortalecer trocas e práticas de capoeira angola entre múltiplas mulheres.

Dentre os aprendizados trazidos pelas mestras de capoeira em nossas vivências, a reflexão sobre a musicalidade ecoa e ressoa em múltiplos sentidos. Música é cartilha de ensino e a capoeira, como já mencionado antes, configura-se como uma manifestação cultural afro-diaspórica de tradição oral e tem na musicalidade e na luta pela libertação dois de seus elementos fundamentais. Esta musicalidade é traduzida pelos instrumentos e pelas cantigas, essas últimas expressam uma poética e uma literatura que relatam os feitos e a vida dos sujeitos que a praticaram e que a praticam, uma literatura lançada aqui como uma literatura menor que “não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior. E a primeira característica é que a língua, de qualquer modo, é afetada por um forte coeficiente de desterritorialização” (Deleuze; Guattari, 2003, p. 38).

Tais cantigas estruturam-se em corridos, chulas e as ladainhas, manifestações da oralidade, presentes no universo da capoeira que abre rupturas na produção literária, mergulhada numa linguagem que desterritorializa, que faz vibrar, sentir, ressoar, compor, criar, são evocações enunciativas de um povo que falta, pois “o desejo é revolucionário porque quer sempre mais conexões e agenciamentos” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 64).

Nesse caminhar a musicalidade na capoeira constitui um elemento pulsante, música é ensino, contudo, a capoeira em decorrência do seu processo estratégico de luta e resistência contra a escravidão teve sua história construída por meio das “categorias introduzidas pela racionalidade moderna, colonizadora e eurocêntrica, constituídas em oposições binárias e hierárquicas” (Fialho, 2021, p. 26). A valentia, os enfrentamentos contra as malhas do poder

colonial, registrados nos jornais, a capoeira instituída enquanto prática crime, associaram essa prática cultural à masculinidade no processo de categorização de sintagmas binários relacionados ao gênero.

Em movimentos de criação, mulheres praticantes de capoeira vêm se retroalimentando e inspirando umas as outras a comporem ladainhas, chulas e corridos que narram suas trajetórias, movendo corpo-palavra, palavra-corpo em arte-resistência ao patriarcado. Afetos que se aquecem em composições de letras que potencializam outros corpos encapoeirados a espalhar-se em devir-mulher. Entre gingas de perguntas e respostas entrelaçam-se os corpos moventes, envergando a tradição para tensioná-la. Na construção de uma educação popular subversiva e antipatriarcal, abrem frechas e rompem com aquilo que foi a elas determinado. Logo, as cantigas são atravessadas por um educar outro que canaliza novas narrativas, por fluxos, intensidades e afecções, ecoam vidas de mulheres ao serem composta pelas mesmas, marcando a insurgência de um povo que falta, definindo todo sentido político das ações.

As capoeiras, assim, passaram a elaborar enunciados fora dos padrões dominantes, trazendo para o mundo, para a grande roda não só as opressões vivenciadas no cotidiano e que partiam de vivências específicas das mulheres negras, mas também o que são essas mulheres em devir, impulsionadas por potências e que saíram dos agenciamentos do poder e entraram em desterritorializações, em linhas de fugas que não foram apenas lançadas, mas traçadas. Para demonstrarmos esse pensamento trazemos as mudanças com o corrido “Oh dendê, Oh dendê”, que em sua versão tradicional era cantada da seguinte forma: Oh dendê, Oh dendê, Oh dendê, Oh dendê/Dendê de aro amarelo, dendê de aro amarelo/Vou dizer a dendê/**sou homem, não sou mulher (coro)**. Comumente cantado nas rodas de capoeira, teve o seu coro modificado pioneiramente pelo grupo Nzinga liderado por mestra Janja por “**Tem homem e tem mulher**”, já não sendo aceita e nem vista com bons olhos os que cantavam a versão considerada tradicional. Ainda mais recentemente o coletivo de capoeira “Quem nunca viu venha ver” passou a contar com a variação “**tem homem, mulher e lgbt**”. Variações, inclusive, de melodias, abrindo brechas, rachaduras que são também recorrentes nos cantos. Como observam Deleuze e Guattari (1995, p. 38), “uma constante, uma invariante se definem menos por sua permanência e sua duração do que por sua função de centro”.

Por agenciamentos, as mulheres em coletivo seguem seus movimentos de criação, assim no decorrer da pesquisa, entendemos as vivências que são pensadas a partir da potência das mulheres que estão há mais tempo na cena da Capoeira Angola na Amazônia paraense e em alianças com mestras que vêm acompanhando esse coletivo, a exemplo de Mestre Samme de São Luiz do Maranhão, em homenagem a qual o coletivo compôs uma ladainha:

Iê
Já trilharam um caminho
Já trilharam um caminho
De Jerônima cafuza
A Maria Aragão
A vida dessas mulheres, colega veia
nunca foi tão fácil não
Capoeira de angola
É lutar contra a opressão
Mestra Samme faz história
Do Pará ao Maranhão
A muganga é cabana, oh iaia
Madrinha dessa nação!
Camaradinha
(Autoria: Angoleiras Cabanas)

Detentoras de saberes, as mestras, que já antes trilharam caminhos, reverberaram suas vozes minoritárias ao colocar seus corpos em movimentos em intervenções que ressoam resistências. Em Belém não há mestras de capoeira angola, e trazer essas mulheres para compartilhar seus saberes é também desterritorializar ambientes engessados por homens, em que os grupos por eles liderados permanecem trazendo apenas figuras masculinas, as quais também são detentoras do saber, mas que por vezes não tem percepções voltadas às mulheres. Assim, impetramos movimentos de uma educação popular subversiva e antipatriarcal a partir das mestras, que ressoam não só em outras mulheres, mas na comunidade da capoeira como um todo.

É a liberdade para a criação orientada pelos “fundamentos” que faz, assim, com que a estética musical da capoeira seja um elemento político e coletivo, uma ginga gingada nesse encontro entre mulheres angoleiras e a educação popular, dando abertura a um povo que falta, em constante devir revolucionário. Criando outros modos de educar, em devir-musical, as cantigas de capoeira emergem como essa *pedagoginga* enquanto uma *ginga menor* entrelaçada com a epistemologia da ginga e o feminismo angoleiro movendo a composição de ladainhas escritas e cantadas por mulheres que narram seus processos de vida, lutas e

Pedagogingas: educação popular e arte-resistência com mulheres angoleiras na Amazônia paraense.

movências como potências educativas. Mergulhadas em suas vivências essas mulheres falam de suas trajetórias, dos seus atravessamentos e do que acontece no encontro entre elas e a capoeira. Como corpos-rios a desaguar esse fluxo de criação reverbera nas Angoleiras Cabanas ao comporem suas cantigas permeadas pelos seus atravessamentos.

Iê
Tem coisa nessa vida, camará
Que não pode acontecer (2X)
É difícil até falar
Mas eu vou poder dizer
Pois o que mais tem por aqui ÔÔÔ
É lamento pra fazer.
Tudo tá relacionado, ai meu Deus
A essa vida de mulher
Violência pelo pai
Quando menininha é
Depois que amadurece
É assédio pelas ruas
É assédio no trabalho
E violam a mulher.
Mas de tudo nessa vida, camará
Olha é paz que a gente quer.
Minha mãe tá me chamando
Vou tomar minha benção
Pra andar por este mundo, colega véio
Cheinho de provação.
Tombaram as minhas manas
Ô que dor no coração
Mas não sabiam os machistas, mana minha
Não tombaram a luta não.
Camará
(Autora: Brenda Kalife – Angoleira Cabana)

Enunciados de vozes-mulheres coletivas que não se tornam reféns do cotidiano, pois são capazes de falar e gritar sobre suas dores e transcendê-las simultaneamente ao trazer atravessamentos de forças nas gingas de múltiplas mulheres capoeiras.

Gingas Finais

Este estudo debruça-se nos percursos de construção de uma pesquisa-intervenção baseada na Cartografia dos encontros de *pedagogingas*, entendida como uma arte-resistência da capoeira angola feita por e com mulheres angoleiras, nas vivências do coletivo “Angoleiras Cabanas” na Amazônia paraense, nos processos de educação popular que se dá entre gingas, devires, reverberações ancestrais e insurgências feministas em processos de ruptura com o patriarcado. Mulheres potências em agenciamentos coletivos cuidando de si e das outras, em cooperação, em diálogos dentro dos instantes que iam se apresentando, uma construção

cabana de grandes aprendizados. Tramas tecidas em sororidades entre mulheres em exercícios de ‘aquilombamento’, como se propõe o coletivo dentro da prática da capoeira angola, do jogo, da vida, numa virada de chave na pequena e na grande roda. Reverberando constantes transformações que repercutiram em nós, mulheres angoleiras, e na nossa comunidade angoleira no Pará, provocando ações outras em homens, os quais passaram a pensar seus modos de ensinar não somente a partir de si, mas também a partir de outros corpos, outras ancestralidades. E ainda jogando a musicalidade enquanto cartilha de ensino de uma educação popular que subverte o patriarcado das cantigas tradicionais, fazendo com que as angoleiras se conectem às ancestralidades afro-diaspóricas femininas e criem releituras, improvisos e reterritorializações por meio de agenciamentos musicais coletivos. E é nesse sentido que um corpo-rio se abre na capoeira angola e as mulheres em devir emergem ecoando suas vozes coletivas, as quais nunca partem do individual, mas do coletivo, possibilitando compor as cantigas e formas ensinar e aprender com o outro como um elemento salutar dos processos de construção de uma educação popular subversiva e de uma *pedagoginga* que enfrenta, dribla, reverbera as vozes-resistências de mulheres ao encontro da arte, da vida, da liberdade.

Referências

- ARAÚJO, Rosangela C. Gíngã: uma epistemologia feminista. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress [**Anais Eletrônicos**], Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.
- COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma Nova Visão: raça, classe e gênero como categoria de análise e conexão. In: MORENO, Renata (Org.). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015. p. 13-42.
- COSTA, Gilcilene Dias da; IGREJA, Fabíola de Fátima. "Devir-mulher e educação múltipla: cartografias clariceanas ". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e 71499, 2021.
- DELEUZE, Gilles. “Uma conversa, o que é, para que serve?” In: DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia v.1**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia v.4**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1997.
- FIALHO, Paula Juliana Foltran. **Mulheres incorrigíveis: histórias de valentia, desordem e capoeiragem na Bahia**. I ed. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

hooks, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, V.3, nº 2, p. 464-478, 1995.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre Sulina, 2009.

SENA, Ivanildes Teixeira. de. **No ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da capoeira angola**. 2016. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

Domínio público. **Dendê de aro amarelo**. Disponível em: <http://rdsvillacoapa.blogspot.com/2010/06/dende-de-aro-amarelo.html>. Acesso em: 03 jul. 2023.

Mestre Waldemar. **Quatro coisas nesse mundo**. Disponível em: <http://www.capoeira-music.net/capoeira-music-ladainhas-quadras/quatro-coisas-neste-mundo-mestre-valdemar/>. Acesso em: 03 jul. 2023.

Notas

ⁱ O termo “angoleira” referência as mulheres que são iniciadas na prática da capoeira angola.

ⁱⁱ Araújo (2004) define como pequena roda a comunidade angoleira e a grade roda relaciona-se a forma como os angoleiros atuam social e politicamente diante da sociedade como um todo.

Sobre os autores

Alessandra Ferreiras Marinho.

Doutoranda em Educação pelo Programa de pós graduação em Educação na Amazônia - PGEDA, mestra em Educação pela Universidade do Estado do Pará/ PPGED - UEPA, especialista em Educação Para as Relações Étnico-Raciais pelo Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Pará - IFPA (2011) e graduada em letras- língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2006). Pesquisadora da Rede de Pesquisa sobre Pedagogias decoloniais na Amazônia.

E-mail: alefm2001@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9612-3042>

Gilcilene Dias da Costa

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Docente Associada nível 4 da Universidade Federal do Pará/CUNTINS/Faculdade de Linguagem. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA/EDUCANORTE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA).

E-mail: gilcileneufpa@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7156-5610>

Recebido em: 13/05/2024

Aceito para publicação em: 24/05/2024